

O “ser brasileira” no contexto europeu: desafios e adaptação na trajetória migratória a partir da colonialidade

Luise Bittencourt Peres
Fernanda Tarabal Lopes
Ângela Scheffer

RESUMO

Os fluxos migratórios entre América do Sul e Europa, historicamente marcados pela chegada de europeus ao continente sul-americano, inverteram-se nas últimas décadas, com a crescente presença de sul-americanos em países como Portugal, Reino Unido, Alemanha, Espanha e Itália. Observa-se que, a partir dos anos 2000, a migração feminina se intensificou, concentrando-se em ocupações de cuidado e serviços domésticos, atravessadas por desigualdades estruturais de gênero e origem, pois heranças coloniais e representações estereotipadas continuam a impactar a forma como mulheres brasileiras são percebidas e inseridas social e profissionalmente. Este estudo tem como objetivo analisar os principais desafios vivenciados por uma imigrante brasileira em três países europeus, através da produção de dados da sua história de vida. Os resultados indicam que a migração feminina continua marcada por vulnerabilidades relacionadas tanto às barreiras de adaptação e trabalho quanto à persistência de representações coloniais que reforçam desigualdades. A experiência analisada confirma a importância das redes de apoio, mas demonstra que gênero e origem seguem condicionando as oportunidades e a integração de brasileiras em contextos migratórios europeus.

Palavras-chave: migração; desafios; colonialidade; brasileiras europa;

Introdução

Nas últimas décadas, os fluxos migratórios entre o Brasil e a Europa têm se intensificado, invertendo, em parte, os movimentos históricos de migração europeia para a América do Sul ocorridos nos séculos XIX e XX (DAMILAKOU; PAPADOUPOUS, 2022). Atualmente, países como Portugal, Reino Unido, Alemanha, Espanha e Itália recebem grande contingente de brasileiros, sendo Portugal um dos principais destinos devido à proximidade linguística e vínculos históricos (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2024; BASILIO JR., 2022). Nesse contexto, observa-se um aumento significativo da participação feminina nos fluxos migratórios, especialmente em ocupações vinculadas ao trabalho doméstico e aos cuidados, refletindo um conjunto de vulnerabilidades estruturais e sociais que atravessam a experiência migratória (ASSIS; SIQUEIRA, 2021; DI MARTINO, 2023).

As trajetórias das mulheres migrantes são marcadas por tensões entre agência individual e questões contextuais, incluindo barreiras linguísticas, restrições burocráticas, precariedade laboral e práticas discriminatórias associadas à colonialidade. Estudos recentes destacam como estereótipos e representações exotificadas de brasileiras no exterior influenciam diretamente a inserção social e profissional, contribuindo para a hipersexualização e marginalização no mercado de trabalho (GOMES; PADILLA; FERNANDES, 2017; ASSIS; SIQUEIRA, 2022; GARZA, 2024).

Este artigo propõe analisar a trajetória migratória de Adriana na Europa, uma mulher brasileira, que transitou entre Irlanda, Portugal e Dinamarca, com destaque para os seus desafios e adaptação, evidenciando como os diferentes contextos, redes de apoio e recursos individuais impactam a experiência migratória. Por meio da história de vida, **buscou-se compreender as vivências e dificuldades, bem como os efeitos das práticas discriminatórias, barreiras linguísticas e desigualdades históricas no percurso migratório, a partir da lente analítica da colonialidade.**

O debate em torno das migrações contemporâneas não pode ser dissociado dos legados coloniais e das estruturas de poder que ainda hoje moldam as relações sociais, econômicas e culturais. A colonialidade, entendida como continuidade das hierarquias impostas pelo colonialismo (QUIJANO, 2000; MALDONADO-TORRES, 2010), oferece uma lente analítica que possibilita compreender como discursos, práticas e políticas migratórias estão profundamente atravessados por dinâmicas de dominação. Ao recuperar as origens históricas da construção das categorias raciais e das formas de controle sobre populações em movimento, torna-se possível evidenciar como essas lógicas permanecem operando nos contextos transnacionais atuais, afetando de maneira particular sujeitos migrantes, especialmente mulheres, cujas trajetórias são condicionadas pela interseção entre gênero e origem (AMELINA, 2022; ASTOLFO; ALLSOPP, 2023).

Cabe ressaltar que neste estudo utilizamos a colonialidade como forma de destacar as dificuldades e desafios que são vivenciadas na trajetória de uma brasileira na Europa, levando em consideração uma herança colonial que é pautada em grande parte na ideia de racionalização. Nesta ótica, a compreensão da racialização vai além da associação à cor da pele (AUFSEESER, 2024), abrangendo dimensões ligadas à ideia de origem. Portanto, não é interesse, nesta pesquisa, uma análise estritamente relacionada à raça, mas sim, uma análise que utiliza a racionalização como um princípio das dicotomias coloniais.

Faz-se importante este esclarecimento, visto que a produção de dados da história de vida que compôs nossa análise é de uma jovem brasileira branca.

A análise das dificuldades e desafios na trajetória de Adriana permite refletir sobre a integração de brasileiras no país de destino e sobre as complexas interações entre gênero, origem e contexto migratório. Além disso, este estudo contribui para a compreensão das dinâmicas de vulnerabilidade e resiliência em migrações femininas, oferecendo subsídios para pesquisas futuras voltadas a redes de apoio, representações simbólicas e trajetórias profissionais em contextos internacionais.

2. Fundamentação teórica

Neste capítulo serão apresentados os principais conceitos e teorias que fundamentam esta pesquisa, como a colonialidade e integração do contexto migratório e informações relevantes sobre a migração de brasileiras na Europa.

2.1. Colonialidade e integração no contexto migratório

Durante o período colonial foram delineadas as bases que orientaram tanto a mobilidade quanto o controle e a administração de corpos, do trabalho e das populações em deslocamento (SAMADDAR, 2020). Foi assim que a constituição da mão de obra migrante como grupo desprovido de direitos e de visibilidade política consolidou-se como elemento estrutural do sistema colonial e imperial (ÇAĞLAR, 2022). O impacto dos legados coloniais decorre das estruturas de conhecimento que estabelecem hierarquias, nas quais algumas nações e raças são representadas como superiores em avanço às demais (AUFSEESER, 2024).

Segundo Quijano (2000), sociólogo e pesquisador peruano reconhecido por ter desenvolvido uma das contribuições mais influentes sobre a teoria decolonial latino-americana, a ideia de raça foi assumida pelos europeus para justificar uma suposta distinta estrutura biológica que diferenciava conquistadores de conquistados em uma situação natural de inferioridade, sendo o principal elemento constitutivo e fundacional das relações de dominação.

Dessa forma, termos como ‘espanhol’ e ‘português’ e, mais tarde, ‘europeu’ que até então serviam apenas para indicar a procedência geográfica ou o país de origem, passaram a carregar também uma conotação racial em relação às novas identidades que se formavam. À medida que as relações sociais em construção eram marcadas pela dominação, essas identidades passaram a ser associadas a hierarquias, posições e papéis sociais específicos, tornando-se parte constitutiva dessas estruturas e, conseqüentemente, do próprio padrão de dominação que se estabelecia (QUIJANO, 2000).

Quijano argumentou que, mesmo após o fim formal do colonialismo, as estruturas de dominação racial, econômica e cultural impostas pelos colonizadores continuaram ativas. Isso perpetua uma lógica de hierarquização entre os povos, saberes e culturas do ‘Ocidente’ norte global em relação aos demais (QUIJANO, 2000). Neste sentido, a colonialidade refere-se a estruturas de poder persistentes que tiveram origem no colonialismo, mas que ultrapassam o âmbito da administração colonial, influenciando relações culturais, laborais, subjetivas e a própria produção de conhecimento. Ela permanece presente em práticas sociais, nos padrões culturais, no senso comum e nos estereótipos dos povos (MALDONADO-TORRES, 2010).

Desta forma, utilizar a colonialidade como perspectiva nos estudos sobre migração permite revelar estruturas e dinâmicas de poder discriminatórias que muitas vezes permanecem ocultas nos discursos sobre integração, nas narrativas das sociedades receptoras e nas formas de distinção entre migrantes (ASTOLFO; ALLSOPP, 2023). Muitas categorias de migração são vistas como inseridas em formas específicas de colonialidade, como por exemplo, as migrações sul-norte, que pressupõem uma superioridade econômica e intelectual (AMELINA, 2022).

Dessa forma, a racialização emerge e se mantém por meio de sistemas-mundo modernos, capitalistas, patriarcais e coloniais, adquirindo significados distintos conforme a interação de diversos fatores específicos. Essa perspectiva sobre a racialização ultrapassa a categorização pela cor da pele (AUFSEESER, 2024) e diz respeito a questões relacionadas à noção de origem e dicotomias coloniais que, inclusive, reforçam o patriarcado.

No espaço transnacional pós-colonial diferentes formas de dominação se entrelaçam, influenciando as trajetórias migratórias e biográficas das mulheres (SOUTO-GARCÍA; AMBORT, 2022). Nesse contexto, as imigrantes não chegam a um território neutro, eles chegam a espaços metropolitanos já marcados por relações raciais de poder, moldados pela colonialidade (GROSFUGUEL; OSO; CHRISTOU, 2015). A seguir, aborda-se mais profundamente esta questão.

2.2. A migração de brasileiras para Europa

Nos últimos dois séculos, os fluxos migratórios entre a América do Sul e a Europa contribuíram para a constituição de um espaço transnacional que interliga ambas as regiões. Durante os séculos XIX e XX, milhões de europeus estabeleceram-se em países sul-americanos. Contudo, nas últimas décadas, observa-se uma inversão expressiva desse movimento, com um número crescente de sul-americanos migrando em direção à Europa (DAMILAKOU; PAPADOUPOS, 2022).

Na Europa, segundo dados do Ministério das Relações Exteriores do último levantamento sobre brasileiros no exterior, em 2023 os cinco países que mais receberam brasileiros foram: Portugal, Reino Unido, Alemanha, Espanha e Itália (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2024). Nesse contexto, Portugal passou a se destacar como um dos principais destinos da migração brasileira, influenciado por fatores como a afinidade linguística. Da mesma forma, Espanha e Itália também exercem papel relevante nesse processo, tanto pela presença de descendentes de imigrantes europeus que chegaram ao Brasil entre o final do século XIX e início do século XX, quanto pela similaridade linguística com o português um elemento que frequentemente influencia a escolha do país de destino (BRASILIO JR., 2022).

Contudo, somente a partir dos anos 2000 percebeu-se um aumento significativo da presença de mulheres compondo esses movimentos migratórios, diferentemente de anos anteriores (ASSIS; SIQUEIRA, 2021). A migração feminina na Europa, concentra-se predominantemente no trabalho doméstico e nas atividades de cuidado (DÍAZ; BUJÁN; BUJÁN, 2018; DI MARTINO, 2023), visto que existe um sistema de vulnerabilidades que afeta simultaneamente as trajetórias geográficas e as (i)mobilidades ocupacionais das migrantes (DI MARTINO, 2023). Essa precariedade percebida nas migrações femininas é sustentada por condições estruturais econômicas (GARZA, 2024) e intensificada por marcadores sociais que estão interligados às trajetórias migrantes.

O modelo de capitalismo econômico neoliberal, aliado às relações de poder de matriz colonial ainda vigentes, sustenta e reforça hierarquias globais que posicionam os

migrantes do Sul Global em situações de desigualdade estrutural (SHARMA, 2020). Ao evidenciar o papel da colonialidade na construção e perpetuação do trabalho doméstico como uma atividade manual desvalorizada, marcada por marcadores de gênero e raça, as estruturas coloniais e pós-coloniais de desigualdade continuam operando na exploração racializada do trabalho (GARZA, 2024).

Destaca-se que a perspectiva colonial sobre os corpos femininos continua sendo reiterada em diversos discursos contemporâneos, afetando diretamente as experiências vividas por mulheres oriundas de ex-colônias que migram para os antigos centros coloniais. Tais representações influenciam não apenas a forma como esses corpos são percebidos e tratados, mas também moldam as dinâmicas de inserção social, laboral e simbólica dessas mulheres nos contextos migratórios (GOMES; PADILLA; FERNANDES, 2019).

Ao se inserirem em fluxos migratórios internacionais, especialmente aquelas oriundas do Sul Global, como as brasileiras e demais latino-americanas, as mulheres carregam em seus corpos os estigmas históricos da colonialidade. Suas identidades são frequentemente atravessadas por representações exotificadas, que lhes atribuem uma sexualidade naturalizada, expressa em aspectos cotidianos como a fala, os gestos ou o sorriso. Tal construção simbólica contribui para uma hipersexualização (ASSIS; SIQUEIRA, 2022). A seguir, aborda-se o método de pesquisa utilizado neste estudo.

3. A pesquisa em história de vida e a história da Adriana

Derivada da tradição da Escola de Chicago, o uso da abordagem biográfica surgiu na década de 1920 e se distinguiu pelo forte caráter empírico, com o trabalho de campo como prática central, além do uso de métodos inovadores, como a análise de documentos pessoais e o registro de histórias de vida com o propósito de investigar a influência da perspectiva individual nos problemas sociais. Uma pesquisa que teve destaque nessa época foi o trabalho de Thomas e Znanieck que utilizou a história de vida para analisar a vida social e os comportamentos da comunidade de imigrantes poloneses (THOMAS; ZNANNIECK, 1920).

Tal perspectiva possibilita compreender o contexto no qual o indivíduo está inserido, bem como as formas pelas quais negocia suas condições e seu espaço social, construindo o seu mundo e sendo, ao mesmo tempo, moldado por ele (BARROS; LOPES, 2014). As histórias de vida permitem compreender de forma singular como os processos sociais se manifestam nas dimensões psicológicas, culturais, econômicas e sociais, tanto no passado quanto na atualidade (LÉVY, 2000).

O uso deste método não se limita à descrição superficial da realidade, mas possibilita uma compreensão mais profunda dos sujeitos e de seus contextos (FERRAROTTI, 2007). Portanto, não basta conhecer apenas as condições objetivas de existência dos sujeitos, é igualmente necessário compreender os significados que atribuem ao seu contexto, à sua situação e às próprias ações, algo que pode ser captado de forma mais completa por meio da história de vida (BARROS; LOPES, 2014).

Tendo como objetivo analisar a trajetória migratória de uma brasileira na Europa, o uso do método história de vida justifica-se nesta pesquisa visto que é necessário reconhecer profundamente as motivações e subjetividades presentes em uma trajetória. Determinados contextos mostram-se especialmente ricos para análise por meio de histórias de vida, como é o caso dos movimentos e transformações sociais, dos processos migratórios, mobilidade social e experiências de exclusão (BARROS; LOPES, 2007).

Por meio de relatos detalhados foi analisada a história de vida de uma brasileira, jovem migrante na Europa. A pesquisa com Adriana foi conduzida por meio de entrevistas iniciadas em 2020, com o objetivo de compreender sua trajetória de vida, especialmente sua saída do Brasil e experiências migratórias. Inicialmente, os encontros ocorreram de forma remota, via videochamada, devido à distância geográfica e às restrições da pandemia de Covid-19. As conversas foram abertas, sem roteiro rígido, permitindo que Adriana narrasse livremente suas memórias, sentimentos e reflexões sobre sua trajetória, sem intervenções desta pesquisadora.

A partir de 2023, com a flexibilização das restrições, foram realizados encontros presenciais durante as visitas de Adriana ao Brasil, o que possibilitou aprofundar a pesquisa. Ao longo do período de 2020 a 2025, as entrevistas foram construindo de forma contínua a narrativa de sua vida, evidenciando negociações, desafios e oportunidades no contexto migratório. O acompanhamento sensível de uma única trajetória permitiu compreender não apenas a trajetória individual de Adriana, mas também o contexto social em que está inserida e a maneira como negocia seu espaço social e suas condições de vida.

A partir da produção de dados desta história foi possível acessar como ela negocia sua identidade, enfrenta barreiras sociais, culturais e institucionais, e constrói estratégias de integração em um contexto migratório. Além disso, a história de vida possibilitou situar a experiência individual em um contexto mais amplo, revelando como processos estruturais, como desigualdades, discriminação ou políticas migratórias, interagem com decisões pessoais e trajetórias profissionais. Assim, o método ofereceu uma compreensão aprofundada da experiência migratória, articulando dimensão pessoal e social, e contribuindo para análises mais ricas sobre inclusão, adaptação e mobilidade social.

4. A trajetória de Adriana: uma brasileira na Europa

Adriana, uma brasileira de 30 anos, branca, formada em direito, teve uma trajetória marcada por experiências internacionais que moldaram profundamente sua vida pessoal e profissional. Ela demonstrou grande capacidade de adaptação, resiliência e autoconhecimento ao longo de suas experiências internacionais. A figura 1 apresentada a seguir evidencia a linha do tempo da trajetória analisada neste artigo.

Linha do tempo - desafios e aspectos positivos da jornada migratória da Adriana



Figura 1: Linha do tempo – desafios e aspectos positivos da jornada migratória da Adriana

Fonte: elaborada pela autora

A Irlanda trouxe liberdade e contato com diversidade cultural, mas também foi seu primeiro contato com a Europa, evidenciando as dificuldades do ser migrante. Portugal ofereceu crescimento acadêmico e desafios de integração social, enquanto a Dinamarca apresentou barreiras legais e culturais, mas também oportunidades de liderança, desenvolvimento profissional e realização pessoal. Sua trajetória evidencia a complexidade da vida de imigrante, a importância do planejamento, suporte familiar e desafios que serão apresentados nos tópicos a seguir, são eles: os primeiros desafios: a adaptação na Irlanda; barreiras e xenofobia em Portugal: uma brasileira em terras lusófonas e burocracias e resiliência: o recomeço na Dinamarca.

4.1. Os primeiros desafios: a adaptação na Irlanda

Adriana e sua mãe decidiram compartilhar a experiência de um intercâmbio de estudo de inglês na Irlanda. Após sua formatura em direito, em 2019, embarcaram para Dublin, porém a adaptação foi difícil, principalmente para sua mãe, que enfrentava barreiras linguísticas e dificuldades para se locomover sozinha. Apesar da empolgação inicial, logo percebeu que, como imigrante, enfrentaria desafios além da adaptação cultural. No mercado de trabalho, ser de outro país significava aceitar empregos abaixo de sua qualificação. Mesmo falando inglês, havia uma barreira invisível que a impedia de acessar as mesmas oportunidades que os irlandeses.

A busca por moradia foi um grande desafio, pois os aluguéis eram altos e a opção mais acessível seria dividir um quarto com desconhecidos, algo que sua mãe não aceitava bem. Depois de muitas tentativas, conseguiram um lugar para ficar em Dublin 13, distante do centro. Com o tempo, sua mãe percebeu que a experiência não estava sendo como imaginava e decidiu voltar ao Brasil:

A mãe não conseguia voltar sozinha para casa, era muito difícil, era frio, ela não conseguia fazer amigos porque 97% das pessoas eram jovens então ela decidiu voltar por tudo, porque estava sendo um dinheiro jogado fora, na terceira semana ela já não ia mais no curso de inglês, os trabalhos que tinham era tudo para lavar louça, limpeza, garçom, trabalho braçal e minha mãe no início queria e depois se dava conta que tinha trabalhado 30 anos para se aposentar, com casa, carro...

Comumente, um imigrante precisa aceitar as convenções da sociedade de destino, porém um imigrante bem-sucedido no mercado de trabalho consegue desafiá-las (TALMIN-COHN; CHACHASHVILI-BOLOTIN, 2024). Entretanto, este não era o caso, Adriana quando foi para a Irlanda recém-formada em direito não tinha a pretensão de trabalhar na sua formação. Cabe ressaltar que se aborda uma história migratória em que o deslocamento para a Irlanda ocorreu a partir de um intercâmbio, desconsiderando as possíveis realidades da sua formação superior original. Ser uma jovem, recém-formada vivenciando uma migração temporária parece ser fator de uma aceitabilidade maior dos desafios vivenciados nesta trajetória, visto que não há grandes expectativas relacionadas a carreira naquele momento. Por isso, diferentemente de sua mãe, ela conseguiu se adaptar melhor e aceitou trabalhar em condições distintas:

Eu sabia que estava superando desafios que nunca enfrentaria no Brasil (...) isso moldou minha visão de mundo e escolhas para o meu futuro (...) a vida vai muito além dos padrões tradicionais que eu conhecia (Adriana,)

Essa aceitação e mudança sobre a trajetória da sua carreira faz parte um período de transição onde as motivações mudam ao longo do tempo (O'CONNOR; CROWLEY-HENRY, 2020) e vão se adaptando de acordo com o momento e o contexto da migração, como pode-se confirmar nos fluxos migratórios apresentados nos próximos tópicos.

4.2. Barreiras e xenofobia em Portugal: uma brasileira em terras lusófonas

Com o apoio financeiro inicial da família, mudou-se para Lisboa para cursar um mestrado, e mais uma vez teve que se adaptar a uma nova cultura e reconstruir sua vida, entretanto, neste novo processo migratório as redes de apoio, especialmente de brasileiros, contribuíram no seu processo de adaptação.

Mais uma vez a questão da moradia se tornou um processo burocrático. Para os imigrantes, a moradia em alguns países europeus, além de possuir um custo muito elevado também é escassa e a busca por locais para morar acaba se tornando um processo demorado (OLTRAMARI *et al.* 2023). Em Portugal Adriana teve ajuda de uma amiga brasileira que conheceu em uma viagem anterior e que de forma despretensiosa lhe ofereceu hospedagem numa possível ida a Lisboa. Desta forma, logo após se mudar para Lisboa Adriana ficou hospedada no apartamento desta amiga enquanto procurava um quarto para alugar.

Percebe-se que a trajetória migratória, especificamente de mulheres, é marcada pelo apoio e por redes de migrantes que fortalecem e auxiliam o processo de adaptação. Cria-se um forte vínculo com a comunidade do país de origem e tal vínculo oferece salvaguardas comunitárias, facilitando o processo migratório (MERCHANT; RAO-NICHOLSON; IHEIKHENA, 2022).

O caso da Adriana demonstra como os laços com brasileiros fizeram diferença na sua trajetória. Suas amizades estavam reservadas ao círculo da universidade, porém em grande parte brasileiros. Sem amigos locais e enfrentando dificuldades para se entrosar, percebeu que os portugueses, de maneira geral, são mais reservados. Mesmo a proximidade linguística, o que torna Portugal um destino querido por brasileiros, (BASÍLIO JR., 2022) não é suficiente quando há estereótipos e a imagem de colonização perante brasileiras.

O papel da colonialidade contribuiu para um contexto xenofóbico e para a exploração racializada do trabalho (GARZA, 2024). Em comparação com outros países onde esteve, considerou que Portugal apresentava uma postura mais fechada e, em alguns casos, até xenofóbica, especialmente em relação aos brasileiros. Essa percepção se estendeu a outros imigrantes que convivia, mas a resistência parecia ainda maior com brasileiros.

Historicamente brasileiras em Portugal possuem uma imagem associada à sensualidade e exotização, isto pode refletir na forma de tratamento de mulheres migrantes em Portugal (DIAS, 2021), como foi o caso da Adriana. Essas representações afetam tanto sua percepção e tratamento social quanto seus processos de inserção no trabalho, na vida social e no imaginário cultural dos países de destino (GOMES; PADILLA; FERNANDES, 2019).

4.3. Burocracias e resiliência: o recomeço na Dinamarca

Ao conhecer um dinamarquês em Lisboa, seus planos mudaram mais uma vez. Aqui, o matrimônio surge como um novo ponto de recomeço. Entretanto, por mais que a Dinamarca seja um país desenvolvido e inicialmente parecesse ser receptiva aos migrantes, outros obstáculos surgiram e mostraram-se ainda mais intensos. A adaptação cultural revelou-se difícil, a limitação no idioma restringia o acesso ao mercado de trabalho e as possibilidades profissionais eram reduzidas.

Em Copenhague, a burocracia documental foi o primeiro obstáculo a ser vivenciado pela Adriana. A questão legal na Dinamarca é levada muito a sério, os próprios empregadores exigem a apresentação da autorização de trabalho que é concedida após a autorização de residência (YAMAMOTO; ICHIKAWA, 2023), diferentemente de outros países que havia até mesmo contratações informais. Assim, Adriana ficou oito meses aguardando a liberação dos seus documentos para poder trabalhar no novo país.

Aliado a isto, e talvez seja até mesmo uma consequência deste controle, de todos os outros países que ela morou a Dinamarca é o país que menos tem brasileiros e isto dificulta ainda mais a integração e adaptação no país, visto que as redes antes tão relevantes neste processo, neste momento não cumprem seu papel de acolhimento, até mesmo porque o país não possui uma comunidade de brasileiros estabelecida e reconhecida formalmente (YAMAMOTO; ICHIKAWA, 2023).

A integração se tornou um desafio. No ambiente de trabalho, por exemplo, os colegas a convidam para tomar cerveja, mas, ao final do expediente, seguiam para outros encontros sem incluí-la completamente. Essa dinâmica torna a adaptação mais difícil e faz com que esse seja o local onde teve menos amigos em comparação com outros países onde morou.

Na Dinamarca ela trabalhou em duas cafeterias, a primeira foi como garçomete e ela mesma se demitiu após perceber que trabalhava muito mais do que as outras colegas dinamarquesas e após um colega a chamar de “you are lazy” em uma situação que não era sua responsabilidade. O sentimento de exclusão se tornou constante e sentia que nunca fazia parte do grupo. Após um tempo virou gerente de um outro café, em um ambiente que era muito mais moderno e acolhedor e o salário melhor. A questão salarial é um ponto importante a destacar, pois visto que a Dinamarca é um país desenvolvido, a igualdade salarial é reflexo disso, então a questão financeira era favorável e muito aceitável se comparada ao salário brasileiro.

Contudo, as chances de encontrar um emprego qualificado eram ainda mais difíceis visto que o mercado de trabalho dinamarquês valorizava muito o domínio da língua local, o que inclusive dificultava na integração, “a língua é um empecilho, eles são muito simpáticos, mas também muito fechados para ti se entrosar, porque eles são bem fechados no círculo deles, eu diria que é quase impossível” afirma Adriana. A falta de domínio pleno do idioma faz com que o preconceito, muitas vezes, se manifeste de forma velada ou pouco perceptível, mas ainda assim enfraquece a resistência e abala a confiança (ASSIS; SIQUEIRA, 2021). A socialização, tão essencial para criar um sentimento de pertencimento, parecia impossível.

Entretanto, após vivenciar esses momentos e não precisar mais estar imersa nessas relações, ela percebe que não eram ambientes muito saudáveis e que trabalhava mais do que seus colegas dinamarqueses. Claro que o trabalho para Adriana na Dinamarca era mais para sanar suas questões pessoais de se sentir ocupada e útil, além de proporcionar viagens e momentos confortáveis, nunca foi questão de necessidade, até porque ela contava muito com o apoio da sua nova família. Essa realidade costuma envolver estudantes ou imigrantes que acompanharam seus parceiros e ainda não ingressaram no mercado de trabalho, algo comum nas fases iniciais da imigração. Embora, em geral, disponham de melhores condições financeiras anteriores, essas pessoas continuam sendo

alvo de questionamentos no dia a dia quanto à sua efetiva contribuição econômica ao país (YAMAMOTO; ICHIKAWA, 2023).

5. Considerações finais

A trajetória de Adriana evidencia como os processos migratórios individuais estão imersos em estruturas históricas e sociais mais amplas, que remontam à colonialidade e suas múltiplas formas de dominação. A experiência da migração, ainda que marcada por expectativas pessoais de crescimento, estudo e novas oportunidades, revela-se constantemente atravessada por hierarquias raciais e de gênero que persistem desde o período colonial até os contextos pós-coloniais contemporâneos.

Na Irlanda, a experiência inicial foi marcada pela dificuldade de adaptação, sobretudo para sua mãe, que enfrentou barreiras linguísticas, isolamento e inserção laboral restrita a funções pouco qualificadas, levando ao retorno antecipado ao Brasil. Para Adriana, recém-formada e em intercâmbio, o deslocamento foi vivenciado com maior flexibilidade e interpretado como oportunidade de aprendizado, ainda que marcado pela precária moradia e trabalho.

Em Portugal, sua trajetória foi facilitada pelo acesso a redes de apoio de brasileiros, fundamentais para reduzir os impactos da adaptação cultural e da busca por moradia. Entretanto, a proximidade linguística não impediu o enfrentamento de estereótipos e práticas xenofóbicas que atingem de forma particular as mulheres brasileiras, frequentemente associadas a representações exotificadas e sexualizadas.

Enquanto na Dinamarca, o processo de recomeço foi acompanhado de novos obstáculos. A burocracia documental impôs atrasos significativos para o ingresso no mercado de trabalho e a barreira linguística restringiu o acesso a empregos qualificados, reforçando sentimentos de exclusão. A ausência de uma comunidade brasileira consolidada agravou a dificuldade de integração social, enquanto situações de preconceito velado afetaram sua trajetória. Apesar disso, Adriana conseguiu ocupar posições em cafeterias, chegando à gerência em um ambiente mais acolhedor, beneficiando-se de melhores condições salariais em comparação ao Brasil, ainda que sem perspectivas de reconhecimento profissional em sua área de formação.

A análise das vivências na Irlanda, Portugal e Dinamarca demonstra que a migração não se restringe à adaptação cultural ou às barreiras linguísticas, trata-se também de enfrentar práticas discriminatórias, xenofóbicas e racializadas, que reproduzem desigualdades estruturais historicamente enraizadas. Ao mesmo tempo, evidencia a centralidade das redes de apoio, especialmente de brasileiros, como elemento fundamental de resistência e resiliência no processo migratório, embora tais redes não sejam suficientes para neutralizar a colonialidade ainda presente nas relações sociais e laborais.

Assim, o estudo mostra que a migração deve ser compreendida para além da mobilidade, ela implica negociações identitárias, confrontos com estereótipos e inserções em sistemas de poder que continuam a reproduzir desigualdades. A experiência de Adriana ilustra como as mulheres migrantes vivenciam o entrelaçamento entre colonialidade, gênero e origem, mas também constroem novas formas de pertencimento e redefinem suas trajetórias a partir dos desafios enfrentados.

De modo geral, os resultados evidenciam que a migração feminina é atravessada por tensões entre agência individual e questões estruturais. Redes de apoio, condições econômicas prévias e expectativas de carreira mostraram-se fatores decisivos para a adaptação, mas não suficientes para neutralizar os efeitos da colonialidade, das barreiras linguísticas e das práticas discriminatórias. A experiência de Adriana confirma que a

carreira migrante é construída de forma não linear, passando em vários países até alcançar sua residência fixa, permeada por rupturas, recomeços e turning points que revelam a complexa interação entre gênero, origem e contexto migratório.

A seguir apresenta-se uma agenda de pesquisa para estudos futuros que possam auxiliar na compreensão específica de cada fenômeno apresentado neste estudo:

a) compreender e analisar de que forma as redes formais e informais contribuem e influenciam na trajetória migratória de mulheres em contexto de migração;

b) identificar como as representações exotificadas marcadas pela origem e colonialidade impactam oportunidades de trabalho e integração social;

c) analisar como se dá a construção da carreira migrante, levando em consideração trajetórias profissionais não lineares em contextos migratórios diversos;

Ao expandir o olhar sobre migração, essas proposições não apenas contribuem para o avanço do debate acadêmico, como também oferecem subsídios para estratégias organizacionais que considerem as particularidades das trajetórias migratórias e favoreçam condições mais justas nesses contextos.

Referências

AMELINA, A. Produção de conhecimento para quem? Fazendo migrações, colonialidades e pontos de vista em pesquisas sobre migração não hegemônica. **Estudos Étnicos e Raciais**, v. 45, n. 13, p. 2393–2415, 2022.

ASSIS, G. O.; SIQUEIRA, S. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre “a mulher brasileira”. **Cadernos PAGU**, v. 63, 2021.

ASTOLFO, G., ALLSOPP, H. The coloniality of migration and integration: continuing the discussion. **CMS**, v. 11, n. 19, 2023.

AUFSEESER, D. Contending with coloniality: Unsettling migration narratives of Venezuelans in Peru, **Geoforum**, v. 155, 2024.

BARROS, V. A.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, Eloísio Moulin (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Vitória: EDUFES, 2014.

BASÍLIO JR, L. Migração Qualificada do Brasil para a Europa entre 2011 e 2021: Cenários, Mudanças e Tendências. **In...** XXII encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2022.

ÇAĞLAR, A. Reorganization of borders, migrant workers, and the coloniality of power. **Citizenship Studies**, v. 26, n. 4-5, p. 401–410, 2022.

DAMILAKOU, M.; PAPADOPOULOS, Y. G. S. **Migration and Development in Southern Europe and South America**. Routledge: London, 2022.

DI MARTINO, M. L. Explorando las carreras migratorias de mujeres brasileñas en España: reconceptualización de la adecuación entre formación y Trabajo. **Confluente**. V. XV, N. 2, p. 450-479, 2023.

DÍAZ G.,; BUJÁN, M.; R. BUJÁN. Mujeres migrantes y trabajo de cuidados: transformaciones del sector doméstico en España. **Panorama Social**, v. 27, p. 105-118, 2018.

FERRAROTTI, F. Las historias de vida como método. **Revista de Ciencias Sociales**, v. 14, n. 44, p. 15-40, maio/ago, 2007.

GARZA, A. P. Performing race, class, and status: identity strategies among Latin American women migrants in London, **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 50, n. 14, p. 3472-3489, 2024.

GOMES, M.; PADILLA, B.; FERNANDES, G.. Ser brasileña en Portugal: inmigración, género y colonialidad . In: MAGLIANO, Maria José; BARRAL, Ana (Org.). **Las mujeres latinoamericanas y sus migraciones**. Villa María: Eduvim, 2017.

GROSFUGUEL, R.; OSO, L.; CHRISTOU, A. ‘Racism’, intersectionality and migration studies: Framing some theoretical reflections. **Identities**, v. 22, n. 6, p. 635–652, 2015.

LÉVY, A. In GAULEJAC, V. de; LEVY, A. **Récits de vie et histoire sociale**. Paris: Ed. ESKA, 2000.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre a colonialidade do ser: Contribuições para o desenvolvimento de um conceito . In: W. D. Mignolo , & A. Escobar (Eds.), **Globalização e a opção descolonial**, p. 94-123. Nova Iorque, NY: Routledge, 2010.

MERCHANT, H.; RAO-NICHOLSON, R.; IHEIKHENA, E. A multi-dimensional analysis of the subjective well-being of self-initiated expatriates: The case of Nigerian expatriates in Germany. **Thunderbird Int. Bus. Rev.** V. 65, p.117–130, 2022

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Comunidades Brasileiras no Exterior**, Secretaria de Comunidades Brasileiras e Assuntos Consulares e Jurídicos, 2024.

OLTRAMARI, A.; PERES, L.B.; FRAGA, A.; TONELLI, M.J. Partir e recomeçar: imigração e carreira de brasileiras e brasileiros na Irlanda. **RECAPE, Revista de Carreira e Pessoas**, v. 13, n. 3, p.397-413, 2023.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, p. 107-30, 2005.

SAMADDAR, R. **The Postcolonial Age of Migration** (1st ed.). Routledge: India, 2020.

SHARMA N. The people out of place. In: Horton SB and Heyman J (eds) **Paper Trails**. Durham, NC:Duke University Press, p.31–52, 2020.

TALMI-COHN, R.; CHACHASHVILI-BOLOTIN, S. “I was always told to fit in, but never to excel”: Men’s Post-Migration Practices of Success in the Public Sector. **Journal of International Migration and Integration**. V. 25, p. 1963–1986, 2024.

THOMAS, W.; ZNANIECKI, F. **The Polish Peasant in Europe and America**. Chicago: University of Illinois Press, 1984.

YAMAMOTO, G.; ICHIKAWA, E. As práticas sociais da imigração: o cotidiano da imigração de brasileiros na Dinamarca. **Cad. EBAPE.BR**, v. 21, n. 4, Rio de Janeiro, 2023.